



a esperança banal das quartas-feiras

Carlos Renato



gueto editorial

A esperança banal das quartas-feiras

Carlos Renato



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Carlos Renato, 2017**
cas.renatto@gmail.com

Coleção #breves | Livro 7
Selo Gueto Editorial ® 2017

Edição e projeto gráfico
Jerome Knoxville

Edição e revisão
Amanda Sorrentino

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro sete

0

enquanto um café

Eu, assoalhado, pela orla caminhava quando atraído pela música fui. O som melancólico de um *bandoneón tanguero*, uma velha canção latina de um compositor argentino que jamais saberei dizer o nome, arrancou-me de meu torpor. A brisa conduziu-me ao bar.

Entrei, suspirei amargo, pedi um café.

— Um expresso curto, uma *media luna* apenas e uma caneta, por favor!

Sentei-me na sacada, diante de mim o mar. Era possível ouvi-lo ao quebrar suas ondas entre um acorde e outro. O *bandoneón* a desenhar a tarde, uma gaivota a colori-la. O mar verde-azul profundo distraía-me o olhar. Os ouvidos docemente atentos à canção que me inebriava, enquanto eu anotava estas palavras que ficaram presas no peito naquela última quarta-feira quando seu orgulho indômito impediu-me de dizê-las.

se tivesse outro nome

O amor passou por aqui não faz muito tempo. Sentou-se ao meu lado na calçada suja, quarta-feira, acendeu um maldito cigarro de maconha que me deixou aflito. Tragou umas tantas vezes, dispersou a fumaça no ar seco da cidade grande e partiu rumo à Sé.

Eu fiquei olhando o cadenciar de seu corpo em um balanço meio gingado, meio samba-canção, se embrenhando na multidão de mortos que desfilava pela praça.

Olhava o amor que partia e sabia que aquele corpo feito de sonhos e vísceras eu não veria mais. Não veria nunca mais.

E o baseado que ele me deixou se apagou esquecido em minhas mãos.

sobre signos e atrevimentos

Ele me disse ser de aquário.

Sem entender bem o que dizia ou o que pretendia dizer-me, olhei sério para sua cara safada, a barba fechando de negro a metade do seu rosto que esperava de mim uma resposta.

Eu não tinha resposta.

Esquivei-me sem tirar-lhe os olhos ao meter a mão no bolso direito de sua calça e tirar um maço de Marlboro e ele, sem desviar-me os olhos, me acendeu o cigarro sem que eu esperasse.

Gosto assim.

Dei um trago. Desviei o olhar. Outro trago, ele tirou-me da boca o cigarro e fumou-o como se Robert De Niro fosse. Devolveu o cigarro aos meus lábios sorrindo-me ao tocar a barba rala em minha cara atrevida.

— Eu gosto de aquário. — Disse-lhe aliviado.

não me cobrava nada

Não me cobrava nada. A mim não incomodava. Não havia reclamamos, não fazíamos planos. Chegava, me beijava a boca e sorria, sem danos. Abria o vinho que trazia, nos servia, sorvia um e outro gole e logo já dizia o que queria.

“Dizia o que queria” é maneira de dizer. Não falava uma só palavra. Não precisava. Me arrancava a roupa. Me rasgava a blusa, a calça, a cara, como quem sacava uma arma, e me beijava. Me beijava todo, o corpo todo, e insinuava o mesmo imprimindo minhas mãos sobre os pelos do seu peito.

Revirava os olhos e sorria como quem sorri ao sentir uma dor profunda a lhe cortar a carne.

Sem cerimônia depois partia. Se vestia, sorria e sumia. Voava para sei lá onde e um dia voltava. Uma ou duas semanas depois, às vezes, levava um mês. Não havia pressas; no entanto, me trazia presentes — um bibelô de Bucareste, um souvenir de Bangkok e nenhuma cobrança.

noutra ocasião

Era pra ter sido apenas sexo, merda. Sem medos, sentimentos ou possibilidades.

E ele me veio com esta história de amor. Caralho, onde já se viu amar assim? Como se fosse simples. Como se fosse fácil, feliz. O filho da puta me deixou ali desarmado sem roupa jogado sobre a cama quando disse que me amava. Me amava, Renato? Esse tipo de coisa não se faz assim tão de repente, à queima-roupa, sem que se espere. Me dá um tempo.

Saí logo dali, não hesitei, vesti a roupa sobre a pele suja, melada com a porra e a saliva dele. Droga! Saí tão puto que me esqueci do banho. Agora seu cheiro me acompanhará até em casa, pela semana, levará um século para se desgrudar do meu corpo cada vez mais excitado.

O cheiro acho que sai um dia, talvez. O foda vai ser depois dessa quarta-feira me livrar de seu gosto tatuado em minha língua.

sobre meninos e olhos

Atingiu meu ego quando acertou meu vício ao encher minha taça, antes vazia, com o melhor *malbec* que trouxera de Mendoza.

Percebi suas mãos quando uma gota perdida pendeu pela borda e trépida se escorreu bojo abaixo, e ele tão ligeiro, com o anelar esquerdo, a deteve segurando-a e levando-a à boca, à sua boca, com a mesma ligeireza.

A boca...

...molhada, a gota a dissolver-se na saliva sobre a língua. O dedo seguro entre os dentes. Um quase sorriso. O brilho dourado da aliança refletido aos meus olhos atentos a dizer-me:

— Não! Este não pode.

Foi neste instante que, resoluto, sem rodeios, meu instinto de puto respondeu que sim:

— É este quem eu quero.

Primeiro o amor veio através das mãos, depois reparei seus olhos sobre os meus.

quando o amor vacila

- Ei!
- Mmm...
- Ei. Olha pra mim.
- O que foi?
- Presta atenção.
- Tô atento.
- Me responda uma coisa.
- Diga.
- E se o amor acabar?
- Como assim, acabar?
- Assim, se eu chegar um dia e te disser: *oh! o amor acabou!* O

que você faria?

- Amor não acaba assim assim...
- Mas se acabar?
- Você tem cada ideia, Renato.
- Responda!
- Não acaba, eu já disse.
- Mas se acaso acabar assim assim...

— Se acabar assim assim a gente começa outra vez, tudo de novo, como quando daquela vez que o amor ainda se confundia com o desejo.

esse calor sórdido

É esse fedor imundo de cigarro em sua barba que me mata.

Não que eu não goste de cigarro — longe de mim — mas quando no beijo esse cheiro passa da sua barba à minha, logo um calor sórdido me invade e eu me perco em mais uma ereção. Impossível roçar em você sem sentir o pau crescendo ao seu toque.

Você se deleita, seu puto. Sorri feito um verme, me intima pra mais uma e me acende o desejo com a banalidade de quem acende um cigarro no meio da rua.

É uma merda, eu sei. De fato, é isso o que me atrai em você. Essa cara de quem não vale a taça que eu quebrei, a barba que me sangra a boca e o cheiro podre do cigarro que acende antes de me beijar.

tempo

Encaro a maré que recua serena enquanto, frio, o sol nasce. O medo, este me toma sem receios. A brisa afaga meu rosto a dizer-me alguma coisa que não compreendo bem.

Sorrio incomodado.

A noite agoniza, imoral e vadia, enquanto o dia avança sem humor algum. Se esvai com a maré que baixa sem ser notada. O tempo desbotado aos meus olhos, silencioso e pálido.

Deliro entre o amanhecer e a pressa que tenho de voltar para casa; no entanto, não me movo o suficiente para nada.

sobre nossos corpos

Depois do gozo o sono, o silêncio, um beijo. Dou-te um beijo assim meio sem vontade — *pro forma* — e, ao me mover, a porra ainda quente que se dissolve empoçada em meu umbigo exala pelo quarto o seu cheiro ao escorrer entre os pelos do meu abdômen antes de cair sobre o lençol de flores azuis.

Acendo outro cigarro. Fumo-o sentindo seu calor que se atenua. Fumo-o enquanto olho-o adormecer. Um carro barulhento passa pela rua, seus olhos se abrem atônitos e sorriem assustados.

Sorrio junto a ti. Você dá um trago e solta a fumaça sobre nossos corpos em direção à lâmpada que, ainda acesa, acinzenta nossa pele sobre a cama, já sem tesão, meio mortos, como adormecidos.

ninguém podia imaginar

Aquele final de tarde em São João Del Rey. Era dezembro? Talvez. Não me lembro.

Fernando, atravessando a rua, correndo, a chuva morna que molhava seu corpo veloz em minha direção. E o tempo passando enquanto acreditávamos sermos felizes para sempre. Não podíamos imaginar.

Ríamos muito, muito, de tudo, qualquer coisa, de divertido, esquisito, de nervoso, de confuso, gente, carro, chuva, poças d'água pra pular. O mundo não parava de girar, e a chuva, que não parava de cair, se misturava ao desejo de um comer o outro nestes dias quentes em que nos víamos despidos diante do espelho que se tornou nossas intenções.

Amávamos sem nos amar; e depois de uma ou outra garrafa nos sobravam motivos para estarmos nus. Então, nada mais sabíamos.

eu sei que tenho amor

Quando o observo, cálido, deitado sobre a cama, o teu silêncio terno, como se não existisse nada com o que se preocupar, todo ao alcance das minhas intenções e o que mais nos convier, o castanho de seus olhos sob as pálpebras cerradas, o sussurrar leve do seu sorriso doce confirmando o que estou dizendo, eu sei que o que ele tem a me oferecer é amor.

Quando seu corpo de pelos esparsos, músculos frágeis, trejeitos simples, afagos intensos e a despretensão de seu sexo, o ronco, a descompostura insólita se esparramam sobre os meus lençóis, como se dissesse “foda-se tudo que não for nós dois, foda-se toda falta de tato”, eu sei que o que ele tem a me oferecer é amor.

indecifrável

Sentado na varanda do apartamento sobre a cidade que adormece mergulhada em muitos sonhos. Emoldurado pelo piano insano de Cida Moreira que desenha a fumaça do cigarro, as digitais na taça meio vazia de vinho branco português, está Fernando que fuma calado.

— O que faz aí? — Quero saber.

— Renato, você já viu a lua morrer? — Disse-me após um trago, um gole, um beijo, o afago em minha barba antes de prosseguir.

— A lua se aproxima do alto da montanha. — Disse apontando. — Ela ainda é só uma parte do que será em alguns dias, no entanto, sua luz prateia a copa das árvores revelando seus contornos sutis.

Eu trago, disperso a fumaça sobre a cidade muda, dou um gole, o último, matando o pouco do vinho que restava. Fernando enche novamente a taça. Aumenta o volume. Volta-se à lua que sutilmente toca o topo da montanha e se esconde enquanto *I know we both won't say a word...*

um beijo estranho

Desanoiteceu e nossos corpos não se desgrudaram. Eu, besta de sono, preferi não abrir os olhos. Percorri docemente minhas mãos em seu corpo, por seus pelos, entre o calor de suas coxas.

Me aconcheguei um pouco mais em seus braços que me apertavam. Queria apenas estar ali sob o seu calor, ileso ao frio da chuva lá fora. Salvo da humanidade.

Fernando novamente adormeceu. Eu não escapei ao sono; no entanto, despertamos quando um aroma forte de café recém-coado invadiu o quarto e nos cobriu por inteiro. Se impregnou nas paredes, nas cobertas, cobriu o ar com suas notas pelas frestas, pelos cantos, pelos fios de nossos cabelos. Aparvalhados, abrimos os olhos, nos entreolhamos assustados com o mesmo pensamento que nos atravessou. Havia um espaço vago ainda quente em nossa cama dizendo que a noite não passou incólume.

a marca no dedo

Quando Fernando perguntou-me “se podia passar uns tempos em minha casa” eu sabia que estava prestes a começar uma bonita e dolorida história de amor.

Fernando trazia nos olhos o vermelho triste do choro longo e convulso. Aparentava estar cansado, embora bastante decidido.

Pedi-me, segurando-me pelos ombros e com o olhar baixo: “é por pouco tempo, eu lhe prometo”. Eu, que não acredito em promessas, consenti. Após acender um cigarro, sentou-se em minha poltrona de leitura pegando um livro qualquer do Pessoa, que está sempre ali ao lado para estas emergências.

Abriu o livro em uma página qualquer e a leu como se ali o antídoto estivesse.

Em seu rosto, uma expressão vazia de alívio.

Em seu anelar, a marca branca da pele, onde o sol não pode dourar, dizendo-me que Fernando saíra de uma outra história onde certamente o motivo tenha sido eu.

o amor tem dessas

A pia da cozinha entupiu e, na ânsia de consertá-la, Fernando quebrou uns pratos, eu cortei a perna, rasguei o verbo, chamei bombeiro, pedi socorro, gritei por Deus.

O amor tem dessas: não suporta o dia seguinte, geladeira sem gás e comidas sem glúten. Na última quarta veio o eletricista; no entanto, hoje ainda não apareceu o bombeiro, depois de eu ter arreventado todo o encanamento do banheiro. O registro do chuveiro soltou na minha mão, a água jorra não querendo ser contida.

O cachorro do vizinho late, insuportável. Cachorro de merda. Vizinho de merda. Um banho gelado me cairia bem, porém, não chove há meses, uma rinite me ameaça insana, e Fernando ri descontrolado tentando conter a água que vaza da torneira que ele acabou de quebrar.

à meia luz

Tão vazio e fugaz quanto a sombra dos objetos. Permita-me ver o mundo sem essas cores estampadas como estrelas sobre o teto de nosso quarto e não queira desdizer todo o silêncio que vejo em seus olhos, Fernando.

Permita-me perceber nesta distância o invólucro entre seus trajes, entre seus lábios e não queira desmentir o meu silêncio, canalha. Desmentir a fragrância do meu perfume, a inocência dos meus vícios, os meus jeitos infantis, não te levarão a nada.

Acredite no que estou dizendo, no vazio dessas palavras, na fugacidade de sua sombra e nos objetos que nos tornamos à meia-luz, ao amanhecer, por todo o dia.

se você preferir

Se você não quer ficar, não vou dar motivos para que não vá. Não sou desses. Não sou assim, você bem sabe. Não sou nada. Nada demais eu sei, mas vem pra cá. Por um minutinho. Um segundo apenas. Nada mais. Não te peço mais nada. Nem para que fique, nem para que não vá. Um minuto só. Sente-se aqui. Pertinho de mim. Ponha sua cabeça em meu colo, pense por um minuto apenas. Só isso, mais nada. Te juro que não te peço mais. A gente acende um baseado. Se preferir, só fumamos um cigarro ou abrimos um vinho ou ficamos calados. Bebemos a garrafa toda com você aqui do meu lado, calado. Não precisa falar nada. Fumamos um maço inteiro ou alguns gramas, se você assim preferir. Mas, antes de ir, me faça um carinho, se deite em meu colo, e eu não te pedirei mais nada.

abarroado

Terminei de juntar minhas coisas. A mochila abarroada não fechava. Ele, sentado no sofá, olhando-me incrédulo.

— Vista uma roupa. Calce o tênis. Você vai me atrasar. — disse-lhe, nervoso. A mochila não fechava.

— Não quero que vá!

Fernando juntou as pernas. Pendeu a cabeça sobre os joelhos e chorou. As lágrimas molhando a barba grisalha.

A mochila abarroada finalmente se fecha. Fui ao sofá, onde ele chorava, sentei-me e coleí meu peito em suas costas. Pousei minha barba rala em sua nuca suada. Abracei-o descontente.

Fernando levantou a cabeça devagar e disse-me como se não tivesse dito antes:

— Não quero que vá.

Abracei-o ainda mais forte no afã de ele me deixar partir logo.

quem já não está

Meia-noite, e você não está.

Eu, como esquecido sobre o tapete carcomido da sala de estar, discorro sobre todo este frio que vem da rua.

A lua, se pondo à mingua entre os prédios frente à janela sempre aberta, reflete em meu olhar o ar que assopra as cortinas e amplia este silêncio presente quando você não está. Estou cansado. Espero que chegue, que acenda meu cigarro, que arranque meus sapatos, desabote o meu *jeans*, me sirva de outro gole, se deite ao meu lado sobre o mesmo velho tapete a cobrir o chão da sala de estar.

Seja como for, seus gestos tão iguais, como quem vai. Como quem não volta mais. Estes óculos que o protegem dos meus olhos. O cheiro torpe do cigarro que queima lentamente o nosso amor espichado sobre o assoalho sujo com as cinzas que espalhamos pelo chão. Quando parte, Fernando, é você quem bate a porta; no entanto, quem já não está mais aqui sou eu.

repetitivo demais

Enquanto penso que todos dormem, a vida me atropela estúpida. Já são quase seis, e Fernando não voltou. A serração de maio entra pela janela, como uma flor que se desprende efêmera, e pousa sobre o lençol frio, sobre o qual eu não dormi; o início do outono.

A luz baça da manhã turva meus instintos, e eu já não tenho mais cigarros. Por fim, as vontades já não são as mesmas, como é comum em caras que levam a vida a sério demais. O diabo sabe.

A lâmina da pena que desfia sangue sobre o papel que escrevo goteja meu ânimo, e eu me vejo repetitivo demais.

O dia veste-se com o cinza deixado pela noite. Sem um cão vadio, um bêbado vagante, uma puta. A cidade não dorme, a cidade é insana, a cidade é vermelho-insana e conta-me histórias que não me pertencem.

chega

Chega desse merda. Para. Me acorde dessa vida morna. Dessa história acabada. Chega!

Chega desse chove e não molha. Dessa fome. Dessa forma. Desses moldes. Desse adeus engasgado. Rasgado. Intrincado nas artérias. Nas veias. Nos olhos. Chega desse porre eterno que nos torpe. Me socorre.

Chega dessa voz calada. Desse adeus preso na sala. Parado no vão da porta. A mão na maçaneta. O vento que não circula. Chega desse elevador que não chega. Aperte o botão mais uma vez mais uma vez uma vez mais. Aperta que ele chega. Chega desse assunto. Não sorria para a câmera. Lembra nossa história. Chega desse pleito. Chega desse jeito. Chama o zelador. Desça oito andares. Suba pela escada. Volta. Chega logo. Não demora.

eu acreditei

Por meio da cerveja que bebi nesta tarde suada de verão tento dar crédito por um instante a estas palavras sujas que finjo impiamente serem suas.

— Não entendi.

Ouçõ o ruído provocado por uma palavra vaga e, então, me prescrevo.

— Do que você está falando?

Entre um trago e outras pequenas anotações, ficou uma mancha branca onde antes havia um coração.

— Pode ser mais direto, por favor?

— Você disse certa vez que jamais me abandonaria.

— E o que tem isso agora, Renato?

— Eu acreditei, Fernando.

— Qual o problema?

— Porra, o problema é que eu acreditei!

superficial

Não se iluda tanto assim, Fernando. Um dia esta máscara vai cair e o que restar pode não ser bom para você. Esses sorrisos vão apagar, assim como as palavras que vão perder o sentido. Os fatos, afetos e os afagos vão perder o sentido. O que sobrar de nós dois será tão banal, tão cruelmente banal, que não fará falta em uma quarta-feira quando atravessarmos a tarde. Então, como dois estúpidos, que é o que somos, nos esqueceremos, por mais que doa em seu peito ou em meu peito. Por mais que seu olhar não seja o mesmo, esta ânsia se transformará em vômito. Desbotadas serão nossas lembranças e, então, superficialmente felizes, aquecendo lençóis de outras camas, buscaremos outros motivos.

canalha

Não me encare desse jeito, Fernando. Afastado assim como está você parece cada vez mais distante, destruindo o que ainda resta do que sobrou de nós dois.

Não me provoque desse jeito desprezível. O seu olhar te atravessa o tempo e me acerta em cheio o peito, desferindo culpas que nunca foram minhas. E não se distraia tanto, nem se ponha longe de tudo como se o culpado fosse um erro seu. Distante como está, canalha, pode se perder de todo o resto tropeçando no que ainda resta em pé.

Fernando, não me reprove como se eu fosse menino. Não me peça respostas que eu não tenho. Me escreva as palavras que te incomodam e ponha-se no lugar que te relegas.

essa ferida

Putá que pariu, Fernando! já disse não querer mais suas lágrimas, suas pressas, sua porra. Aquele beijo, que eu lhe disse, lembre-se bem, ser de despedida, se desfez em minha boca e sua pele já não encontra mais a minha, há bastante tempo.

Pelo diabo! Foda-se com suas angústias, suas perdas, seus desfechos precipitados e suas conclusões incoerentes. Já gozei por ti, muitas vezes, está de bom tamanho para quem apenas quis meu sexo a todo resto.

Já chega, Fernando! Não desejo mais seus sonhos, seu gosto, sua eterna insatisfação. Me esqueça ainda esta noite e cuide logo dessa ferida em seus olhos!

outro cigarro

Torci por vezes palavras em seus instintos. Teci versos que te atormentaram as noites maldormidas. Pinte-as em telas transparentes em mesas de bares sob olhares amigos, alguns quase poemas.

Tingi paredes e risquei minhas rimas em seus tecidos, em minha pele pela noite. Roubei palavras de dicionários sórdidos. Risquei minhas mágoas em seus sorrisos e, depois de todas as palavras esvaziadas pelo tempo, falei de ti, falei de mim, citei alguma coisa sobre nós dois.

Porém, Fernando, aos poucos você foi perdendo o sentido. As lembranças, que me acompanhavam como vícios, não me afetam de maneira contumaz. Não sinto mais vontades, saudades, não perco mais meu tempo com estas bobagens. Me sirvo de um destilado qualquer, imagino que você esteja bem, acendo outro cigarro e me silencio.

mintá pra mim

Eu não sou como você. Não sei ser como você, portanto, não me faça chorar. Sempre que tento alcançá-lo, recaio sobre meus próprios medos e não consigo te tocar. Você não é mais o que costumava ser, não imagina como não é mais o mesmo. Aos meus olhos não é mais nada; em meus sonhos já não é ninguém.

Eu sei, as coisas têm que acabar, mas não me faça chorar. Mesmo que em seu peito essas palavras reverberem como lâminas, nunca diga palavras que me sangrem. Eu entendo que tinha que ser assim, no entanto, não me faça chorar. E se necessário for, se realmente for, minta. Porque de mim não sobrou nada além desse rasgo profundo no peito, pois você me persegue, Fernando, mas eu não te alcanço nunca.

silencioso e triste

Fernando, somente digo as palavras que acaso encontro pelo chão. Tento assim não fugir ao torná-las mais sinceras, à vontade nestas linhas onde sei que as encontrará sem todos aqueles receios que te impedem de dormir.

Para que entenda, saiba que apenas mudei o meu olhar sobre aquilo o que vejo e isso já não basta mais, pois não consigo ser o mesmo. Sem tantos predicados, cada linha é uma lágrima silenciosa e triste que escorre enquanto escrevo.

Enquanto finjo esses versos, sei que chove em outros jardins e ainda me mantenho honesto, olhando ao redor, buscando sempre entendimento sem perder de vista os sonhos que sonhamos juntos e os que trago aqui no peito.

antes do sol

Vejo tua face brilhar no clarão dos raios de uma tempestade que cai ao entardecer como se partíssemos ao meio de nossas almas quebradiças e mal-intencionadas.

Vejo o vento derrubando folhas que se arrastam pela rua. Gotas de chuva caem e se espalham formando pequenos rios que atravessam a porta de nossa casa.

Enquanto caminho por estas incertezas, evito usar qualquer palavra repetida para não pisar descalço sobre os verbos que cortam o fio do telefone, fazendo sangrar minha carne enquanto finjo ser sincero.

Este silêncio de estar em silêncio me deixa avoado feito passarinho que desperta antes do sol.

reduto

Não quero incomodá-lo com minhas palavras, porém, não deixarei de dizê-las. O que falo brota tão docemente do meu peito que suavemente posso te envolver em qualquer problema que não se resolva assim tão facilmente. Certeza eu ainda não tenho, mas procuro não pensar. Eu só sei o que sinto

Sinto-me assim quando sou eu mesmo, e o mundo não muda logo após. Não sendo redundante, repetitivo ou óbvio demais, eu me explicaria sem razão. Esses acontecimentos tornariam nossas vidas banais.

Não vejo problema. Outrora me incomodaria, mas em uma quarta-feira como esta já não me importo. Procuro encontrar em seus olhos um motivo tosco para que me leve a sério; o resto seria desnecessário. Não mais me incomodo com as palavras ou com a falta delas. Se sua mão tocar a minha, versos atravessados perdem o valor, o calor do seu corpo se justificaria. Frases bem feitas neste momento me deixariam confuso. Verbos não combinam contigo. E a certeza de seu amor por mim fica tão clara e precisa nesta ocasião quanto a certeza que tenho do meu amor por ti, mas certezas são como pássaros; então, te abro meus abraços, reconfortando-te em

meus afagos, no calor que brota em meu colo sentindo esse cheiro seu que logo desperta este desejo de meter a todo instante.

No entanto, hoje é quarta-feira; estou cansado como uma palavra suja. Sou o que sobrou de nossa estupidez. Tenho a companhia de uma velha taça rota e a lembrança do gosto que tem quando te beijo.

Carlos Renato é de Itabirito, Minas Gerias, Brasil. Bacharel em Artes Cênicas e Especialista em Produção e Crítica Cultural, se dedica com maior empenho à dramaturgia e à escrita. Levou ao palco, como diretor e, às vezes, também como ator, cerca de 15 textos de sua autoria. Publicou dois livros de contos, além de ter colaborações em sites e jornais literários.



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo